

# “PRAÇA DO DEKINHA”: UMA ANÁLISE DO FAZER-CIDADE PELOS HOMENS ORDINÁRIOS <sup>1</sup>

Priscila Dias Alkimim (PPGDS- Unimontes/MG)<sup>2</sup>

Giancarlo Marques Carraro Machado (PPGDS- Unimontes/MG)<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Fazer-cidade; homens ordinários; espaço contornado.

## INTRODUÇÃO

As cidades são cenários complexos onde diferentes atores se unem, interagem entre si, produzem e moldam os espaços urbanos de diferentes maneiras. Os espaços públicos, por sua vez, assumem um papel essencial no cotidiano já que oferecem locais para encontros, convivência e sociabilidade. Dentre esses espaços, as praças se destacam por sua importância como locais de integração social e vivência coletiva.

Nesse contexto, surge o tema dessa pesquisa: a intrigante "praça do Dekinha", um espaço singular no bairro Jardim Palmeiras, na região leste de Montes Claros, Minas Gerais, que ao longo de mais de quatro décadas tem sido objeto do cuidado e dedicação de um morador local.

A "praça do Dekinha" não é oficialmente uma praça, mas sim um triângulo resultante do recorte viário, situado no cruzamento das ruas Porto Alegre, Curitiba e Antônio Versiani Athayde. O Dekinha, como é conhecido pelos moradores, desde a década de 1980 assumiu para si a tarefa de cuidar do lugar, com o plantio de árvores e flores, realização da manutenção diária e mobilização de recursos com políticos locais para conquista melhorias, como bancos, água, mesas e lixeiras para o espaço.

Recentemente, uma nova dinâmica surgiu nesse espaço, há cerca de três anos, Dekinha inaugurou um pequeno churrasquinho no local. A iniciativa foi precedida

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024).

<sup>2</sup> Doutoranda em Desenvolvimento Social pelo PPGDS/Unimontes-MG, pesquisadora e extensionista do CITADINO (Núcleo de Interdisciplinar de Temáticas Urbanas da Unimontes) e bolsista da FAPEMIG (bolsa BDCTI nível I) pelo Laboratório Multiusuário Cidadino: consolidação dos estudos urbanos no norte de Minas (APQ-03797-23). E-mail: prialkimim@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio pós-doutoral no Departamento de Antropologia da mesma instituição. Professor permanente do PPGDS/Unimontes-MG e docente vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da mesma instituição. Pesquisador associado do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e líder do CITADINO. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (bolsa PQ nível 2) desde 2023. E-mail: giancarlo.machado@unimontes.br

por uma busca por autorização junto à prefeitura, que tolerou a prática desde que não ocorram reclamações pelos vizinhos.

Desse modo, este estudo propõe-se a responder às seguintes perguntas de pesquisa: como as ações do Dekinha contribuem para a produção e autogestão desse espaço urbano? E como a montagem recente de um churrasquinho no local, uma forma de contra uso, influencia a dinâmica da praça?

Para tanto, a análise se baseia nas reflexões teóricas de autores como Henri Lefebvre, Urpi Uriarte, Jane Jacobs, David Harvey e Michel Agier, a fim de compreender como a produção do espaço urbano, as ações coletivas e a participação cidadã podem moldar vazios urbanos de forma mais significativa e participativa. Desse modo, busca-se discorrer sobre o protagonismo cidadão na transformação de espaços urbanos e a capacidade das pessoas comuns de contornar as limitações do espaço abstrato e criarem lugares de convívio e sociabilidade em meio ao contexto urbano.

## **1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

A produção do espaço urbano é complexa e é caracterizada pela interação de diversos fatores e processos. Em sua análise do espaço, Henri Lefebvre (2006) argumenta que este é ativamente moldado por mecanismos sociais, políticos e econômicos, ou seja, transcende o papel de um mero palco passivo ou terreno imparcial que hospeda a vida social. Assim, por surgir dessas várias relações, o espaço está em constante construção. Esta consciência desempenha um papel importante na interpretação de cidades e das dinâmicas urbanas.

Lefebvre entende a produção do espaço como uma tríade espacial, composta por o espaço percebido, concebido e vivido. O espaço concebido é aquele que resulta de projetos e planos elaborados por urbanistas, arquitetos, políticos e outros atores de poder no cenário urbano. Ele é um espaço idealizado, regulamentado e institucionalizado, que pode, frequentemente, aparecer como abstrato e desconectado das experiências cotidianas vivenciadas pelos cidadãos ordinários. Pode-se dizer que o espaço concebido emerge a partir de estratégias de planejamento urbano e políticas públicas que objetivam configurar a cidade conforme certos interesses e ideais de progresso (LEFEBVRE, 2006, p. 68).

Em contrapartida, o espaço vivido, é aquele experimentado pelos indivíduos no cotidiano, repleto de simbolismo, significados e experiências pessoais e coletivas. É o espaço das práticas concretas, das vivências subjetivas, dos encontros sociais e das

memórias afetivas. Ele é construído pelas ações dos "homens ordinários" e suas relações com o ambiente urbano, refletindo a multiplicidade de usos e apropriações do espaço.

Por fim, o espaço percebido é um reflexo da apreciação subjetiva que os indivíduos possuem do espaço concebido e vivido. Esta dimensão do espaço urbano se relaciona como cada pessoa entende e interpreta seu entorno, levando em consideração suas vivências pessoais, valores culturais, convicções e aspirações. O espaço percebido pode ser influenciado pelo espaço concebido e pelo espaço vivido, mas também pode divergir ou resistir a eles. (LEFEBVRE, 2006, p. 69).

A abstração do espaço concebido, assume a título de espaço abstrato no contexto capitalista, resultado das relações de produção próprias desse sistema. É um espaço homogêneo, instrumento da burguesia, que reflete a lógica capitalista de separação entre esferas da vida (trabalho, lazer, moradia, etc.), transformando o próprio espaço em uma mercadoria. (LEFEBVRE, 2006, p. 80-81)

Além disso, o espaço abstrato também é um espaço de poder e autoridade do estado. Desse modo, o Estado não é apenas um intermediário ou um controlador imparcial, mas também um participante ativo na produção do espaço abstrato. Ele faz isso estabelecendo leis, códigos, normas e regras que determinam como o espaço deve ser usado e quem pode usá-lo. E essas normas e códigos, por sua vez, respondem a uma concepção de ordem, racionalidade e higiene que se conforma à lógica do capitalismo. (URIARTE, 2014).

Pode se dizer que é um espaço de controle e dominação, onde as normas e regulamentações do Estado são impostas para suprimir as diferenças e impor uma ideologia de ordem e formalidade, constituindo-se em um espaço de poder, mas que gera em seu interior um novo espaço, o espaço diferencial.

O espaço diferencial, por sua vez, é o espaço da diferença, da diversidade, da criatividade e da resistência. É o espaço que emerge das contradições e conflitos do espaço abstrato, e que expressa as formas de vida e as práticas sociais que escapam ou desafiam a lógica capitalista. É o espaço que valoriza o valor de uso sobre o valor de troca, que busca a unidade entre as esferas da vida, que reconhece a multiplicidade de identidades e interesses que coexistem na cidade. É um espaço de expressão nas ruas, praças, bairros, favelas, nos movimentos sociais, nas expressões culturais, nas redes de solidariedade e cooperação, é um espaço de direito à cidade como direito coletivo e político de transformação do espaço urbano (LEFEBVRE, 2006, p. 86).

E é justamente através de "táticas" que os "homens ordinários" reconfiguram e dão novos usos aos espaços abstratos, dando a eles um caráter

diferencial. De acordo com Certeau (1990), os “homens ordinários” são os indivíduos comuns que vivem suas vidas diárias dentro de estruturas e espaços sociais criados e controlados por instituições ou autoridades poderosas, mas esses "homens ordinários" simplesmente não seguem essas estruturas em todos os contextos, pelo contrário, são usuários inteligentes e criativos desses espaços, capazes de inovar e subverter as normas e regras que lhes são impostas.

Por meio de práticas cotidianas, ou 'táticas', esses indivíduos conseguem “fazer” (ou inventar) espaços de maneira que reflitam seus interesses, necessidades e desejos. Mesmo que os “homens ordinários” não tenham autoridade formal para desenvolver e estruturar o espaço urbano, eles possuem a habilidade de influenciar ativamente a produção do mesmo por meio de suas ações diárias e são participantes fundamentais e engajados, apesar de sua aparente posição periférica na sociedade. Ou seja, “fazem a cidade” no sentido descrito por Michel Agier (2011), contribuindo para a diversidade, vitalidade e singularidade da vida urbana.

Como exemplo, tem-se os pedestres que caminham pelas ruas da cidade e criam seus próprios percursos e sentidos ao escaparem das rotas pré-definidas pelos planejadores urbanos. Esses percursos são formas de contra uso do espaço urbano, que expressam a criatividade e a resistência dos "homens ordinários".

## **2 METODOLOGIA**

Para compreender a complexidade das interações e da formação do espaço urbano em torno da "Praça do Dekinha", utilizou-se uma pesquisa com base na etnografia urbana. Essa abordagem destaca a observação direta e participante dos comportamentos cotidianos, com o propósito de adquirir informações em primeira mão sobre as percepções e vivências das pessoas envolvidas.

O procedimento de investigação ocorreu de maio a julho de 2023. Ao longo desse período foram realizadas visitas à "Praça do Dekinha" e às localidades ao seu redor. Durante essas visitas, foram observados tanto os cuidados diários do Dekinha com a praça quanto os modos como os moradores locais interagem com o espaço, seja para lazer, para aproveitarem do churrasquinho, ou para contribuírem de alguma maneira para a manutenção do espaço.

Conversas detalhadas foram realizadas com Dekinha para entender a história de seu envolvimento com o local, bem como suas motivações e percepções

sobre o valor do espaço. Ressalta-se que o estudo foi conduzido de forma ética, respeitando a privacidade e os direitos dos participantes.

A análise dos dados coletados foi feita em duas etapas. Primeiro, todos os dados foram revisados e estruturados em temas relacionados. Em seguida, esses temas foram analisados à luz da teoria da produção do espaço de Lefebvre, o conceito dos "homens ordinários" de Certeau e a ideia de "fazer-cidade" do Agier. Através desta análise, buscou-se compreender como a ação individual de Dekinha, em conjunto com a comunidade, está produzindo e transformando o espaço urbano na "Praça do Dekinha".

### **3 A PRAÇA DO DEKINHA**

Morador do bairro Jardim Palmeiras em Montes Claros/MG, o senhor conhecido como Dekinha transformou um vazio urbano - um terreno triangular resultante do traçado das vias Porto Alegre, Curitiba e Antônio Versiani Athayde - em uma bem cuidada praça no bairro. Este espaço, embora não seja oficialmente designado como uma praça, tem sido denominado de "Praça do Dekinha" pelos habitantes locais em reconhecimento ao seu zelador.

Há mais de três décadas, Dekinha, residente no imóvel localizado em frente ao triângulo viário, tem se dedicado a esse espaço, que antes era utilizado como depósito de lixo pelos moradores, e que ao longo dos anos foi se transformado em uma área verde de uso comum. Além de realizar o plantio de árvores e flores, Dekinha mediu a instalação de bancos, lixeiras e outros equipamentos urbanos junto à prefeitura e políticos locais, bem como realiza, periodicamente, a manutenção do espaço com a retirada de lixos e a rega das plantas.

Os jardins da praça abrigam árvores de grande porte plantadas pelo próprio Dekinha há quase três décadas atrás, bem como diversas flores, hortaliças e plantas frutíferas como mamão e pimenta. Ele ressalta que essas plantas pertencem à comunidade e, portanto, podem ser colhidas e consumidas por qualquer interessado.

Através da mediação do Dekinha foi instalada pela Prefeitura uma mangueira em uma caixa de alvenaria na praça, que permite que ele e outros vizinhos interessados cuidem das plantas, flores e hortaliças do local. Em geral, o Dekinha realiza essa função, mas aos finais de semana ela fica a cargo de outro morador da região já que ele costuma visitar seu sítio.

Em sua fala, Dekinha relata com orgulho as melhorias que já promoveu no local e as que ainda busca junto à prefeitura, como a pavimentação da praça e a

instalação de iluminação própria. Ele relata com entusiasmo que conseguiu, recentemente, a substituição das lâmpadas dos postes do entorno por modelos de maior potência, o que melhorou a iluminação na praça.

A praça possui bancos, instalados durante a gestão do prefeito Tadeu Leite (2009 a 2012), e lixeiras, adicionadas na gestão de Humberto Souto (2016 a 2024). Outros equipamentos, como mesas e decorações temáticas, foram providenciados pelo próprio Dekinha, em colaboração com outros moradores. O espaço é muito frequentado pelos residentes do entorno, principalmente idosos e crianças, por ser sombreado e por possuir mesas e bancos que facilitam a permanência e sociabilidade.



**Imagem 1 - “Praça do Dekinha” (foto por Priscila Alkimim)**

Em seu discurso, Dekinha enfatiza a importância de zelar pelos espaços públicos. Ele considera que a praça pertence à vizinhança e, se vivesse próximo à Praça do Santo Antônio, única praça oficial da região e que atualmente encontra-se deteriorada, também se dedicaria ao cuidado dela.

Recentemente um novo uso se estabeleceu na praça do Dekinha, um churrasquinho, estabelecido por ele há cerca de três anos após se aposentar como uma fonte de renda extra e ocupação.

Para permitir a venda do churrasquinho, Dekinha instalou mesas de carretel para o conforto de seus clientes, o que deixou o ambiente ainda mais acolhedor e propício para a permanência, uma dessas mesas, por exemplo, tem um tabuleiro de dama/xadrez pintado muito utilizado durante o dia pelos moradores.

O problema da baixa da iluminação, já que a praça não conta com iluminação própria, é paliativamente resolvido pelo ele, no período de funcionamento do churrasquinho, com a instalação provisória de lâmpada cujo fio de energia atravessa a Rua Curitiba e se conecta na casa do próprio Dekinha.



**Imagem 2 - Churrasquinho do Dekinha (foto por Priscila Alkimim)**

O Dekinha ainda informou que tentou conseguir uma autorização junto à Prefeitura para abrir o seu churrasquinho, mas não foi possível. No entanto, ele recebeu a orientação de que se nenhum morador reclamasse do empreendimento não haveria problema à Prefeitura para a execução da atividade.

Assim, este uso alternativo do espaço, tacitamente tolerado pelas autoridades locais, tornou-se parte da "Praça do Dekinha". O local, além de atrair visitantes, serve como um ponto de encontro e convívio para os moradores da região.



**Imagem 3 - Triângulo viário na interseção da Rua Curitiba com as Avenidas Lauro Dias e Neco Delfino (foto por Priscila Alkimim)**

A pouco mais de cem metros, no cruzamento da Rua Curitiba com as Avenidas Lauro Dias e Neco Delfino, tem outro triângulo viário semelhante ao da Praça do Dekinha mas que não passou por esse intenso processo de apropriação e produção por moradores locais e é um espaço degradado e precário, servindo como depósito de sacolas de lixos pelos vizinhos e comércios ao entorno. Esse contraste destaca o impacto significativo que as ações de um indivíduo como Dekinha, combinadas com a vontade coletiva, podem ter na transformação dos espaços urbanos e na redefinição de seus usos.

#### **4 PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELOS HOMENS ORDINÁRIOS E OS ESPAÇOS RESIDUAIS**

A paisagem urbana é repleta de espaços residuais — áreas que, frequentemente, são ignoradas nas estratégias de planejamento urbano. Estes espaços, sejam fruto de desenhos viários, características topográficas ou outras singularidades, resistem frequentemente às convenções tradicionais da urbanização (CABRAL, 2017).



Tais espaços, muitas vezes sem uma destinação clara, emergem como territórios férteis para as "artes do fazer-cidade", conforme descrito por Agier (2011). Eles se tornam palcos onde os homens ordinários exercem sua criatividade e atribuem novos significados ao ambiente urbano. Em "A invenção do cotidiano" (1990, p. 162), Certeau destaca a astúcia dessas práticas: sua habilidade de operar na penumbra, moldando discretamente a paisagem urbana. Esses gestos diários, muitas vezes imperceptíveis ao olhar do planejador urbano, possuem impactos duradouros e significativos na vivência e construção dos espaços. Por mais sutis ou descoordenadas que pareçam, essas práticas desafiam a padronização, renovando constantemente o tecido urbano.

Uriarte (2014) destaca a dimensão política dessas intervenções urbanas. Ela diferencia os ditos 'espaços apropriados', que se transformam e se adaptam às demandas da comunidade, dos 'espaços contornados'. Estes últimos, mesmo sem uma reinvenção explícita, adquirem novas conotações por meio de práticas alternativas no ambiente já estabelecido. Ambos os conceitos ilustram resistências potentes contra uma urbanização monolítica.

A transformação de um espaço público para um espaço comum vai além de simples mudanças físicas: exige ação política e engajamento da comunidade. A rua é uma ilustração viva dessa transição. Enquanto, em seu estado padrão, se apresenta como um espaço público, mas em ocasiões marcadas por ações coletivas – como manifestações ou festivais comunitários – ela se reinventa. Torna-se um espaço comum, onde comunidades não apenas acessam, mas também determinam ativamente seus usos e significados (HARVEY, 2014, p. 157).

Bastos *et al* (2017) traz um novo ângulo para esta discussão, postulando que a apropriação de um espaço residual não é apenas um ato de transformação, mas também de coragem. É a tentativa de resgatar o cotidiano da dominação do espaço abstrato. O verdadeiro desafio, segundo ele, reside em reconhecer e superar os obstáculos que impedem a produção orgânica e democrática dos ambientes urbanos. Esta conscientização, por sua vez, acende o espírito de resistência e engajamento comunitário.

O caso da 'Praça do Dekinha' personifica tal dinâmica. Dekinha não apenas se apropriou de um espaço antes negligenciado, transformando-o em um epicentro comunitário, mas também, com o passar dos anos, reinventou uma parcela desse território ao estabelecer ali a base de seu negócio de churrasquinho. Este 'espaço contornado', mais do que uma fonte de renda para Dekinha, mudou as percepções e usos

da praça pelos moradores, que passaram a ocupá-la também no período noturno. Tal contexto, acentua a premissa de que a verdadeira essência da cidade é esculpida pelas interações diárias e práticas de seus residentes.

As iniciativas de Dekinha são o reflexo vivo dos "vetores no movimento político" citados por BASTOS *et al* (2017, p. 259). Ele não se limitou a criar um simples espaço comum para a comunidade. Através de suas ações, Dekinha fortaleceu laços de vizinhança, fomentou a cooperação e propagou os sentimentos de solidariedade e reivindicação por direitos, já que os demais moradores também passaram a endossar o coro junto aos políticos locais para conseguir melhorias para o local e atuar diretamente na manutenção do espaço.

Segundo Morales Sierra *et al* (2009), os espaços públicos urbanos não são apenas cenários de tensões e desavenças constantes, mas também palcos de negociação, entendimentos e, muitas vezes, reconciliação. A praça do Dekinha é um exemplo emblemático desta visão. Apesar de ter surgido do esforço singular de um morador, a praça se transformou em um local coletivo que, para coexistir de forma harmoniosa, exige entendimento e consenso entre seus diversos frequentadores. A postura implícita de permissividade da prefeitura em relação ao negócio de churrasquinho de Dekinha pode ser interpretada como uma manifestação desse espírito de negociação e acordo.

Morales Sierra *et al* (2009) destaca a emergência de regras comuns oriundas das interações que ocorrem nos espaços urbanos, as quais são fundamentais para superar a heterogeneidade inerente aos modos de vida na cidade. Adicionalmente, estas regras não são apenas instrumentos práticos, mas também simbólicos, funcionando como expressões de resistência contra imposições formais de identidade e localismo. Portanto, a praça do Dekinha transcende ser um mero local de encontro. Ela se torna um território onde múltiplas identidades e modos de vida coexistem e interagem, celebrando uma concepção de espaço urbano mais diversificada e inclusiva.

Jacobs (2014) destacou a importância dos "olhos na rua" para a vitalidade urbana. A iniciativa de Dekinha concretiza essa ideia. Mais do que simplesmente revitalizar um espaço antes subutilizado, a apropriação da mesma infundiu vida ao local. Com seu churrasquinho, garantiu uma presença constante de pessoas no período noturno, potencializando a segurança e a atmosfera social da praça.

Além disso, a defesa de Jacobs sobre a coexistência de múltiplos usos em uma única área ganha forma no local. Na visão dela, a diversidade de atividades mantém as ruas pulsantes e protegidas durante todo o dia, com um movimento constante de pessoas sendo atraídas por distintos propósitos. A praça, sob a influência de Dekinha,

não é meramente recreativa. Tornou-se também um espaço comercial e de encontro social, atraindo e acomodando uma gama diversificada de pessoas ao longo do dia e, assim, mantendo o espaço sempre observado e ocupado.

Dekinha exemplifica a noção de Certeau sobre o "homem ordinário". Suas ações diárias revitalizaram um espaço residual, conferindo-lhe significado para a comunidade. Desafiando as convenções do planejamento urbano e rejeitando a imposição de um espaço abstrato, Dekinha esculpiu um espaço diferenciado e singular, exemplificando como práticas cotidianas têm o poder de moldar e redefinir o caráter e a função dos espaços urbanos.

Relacionando Dekinha com teorias de Certeau, Lefebvre, Jacobs e Agier, vemos o poder transformador de atos cotidianos. Ele demonstra como um indivíduo pode moldar o tecido urbano com suas práticas diárias. No cerne dessa narrativa está a convicção de que a verdadeira essência de uma cidade é moldada não apenas por planejadores urbanos e políticos, mas, com igual importância, pelos "homens ordinários" e suas interações diárias com o espaço ao seu redor.

Dekinha, mais que um residente, desempenha múltiplos papéis: jardineiro, zelador, mobilizador e comerciante. Com suas mãos, planta árvores e flores, cuida da rega diária, mantém o ambiente limpo e ainda mobiliza autoridades locais em busca de melhorias. Seu empreendimento com churrasquinho é apenas uma das faces dessa apropriação. Através de sua autogestão, articulada com outros moradores, ele revitalizou um local anteriormente negligenciado e repleto de detritos, convertendo-o em um ponto de encontro para a comunidade.

Em resumo, o espaço urbano, influenciado tanto por grandes planos quanto por pequenas ações, está em constante evolução. Dekinha e sua praça são testemunhos do poder de ações cotidianas e da necessidade de valorizá-las na história urbana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo do espaço urbano e suas multifacetadas dimensões compreende, por natureza, uma diversidade de enfoques teóricos e práticos. A análise do caso "Praça do Dekinha" proporcionou uma valiosa oportunidade de aprofundamento em questões pertinentes ao fazer-cidade pelos homens ordinários, particularmente no contexto de intervenções espontâneas em espaços negligenciados.

A trajetória de Dekinha, e seu empenho contínuo, evidencia que, muitas vezes, os processos mais autênticos de urbanização não estão nas pranchetas de

arquitetos ou nas deliberações de conselhos municipais, mas surgem das interações diárias dos cidadãos com seu ambiente, em ações simples mas significativas que revelam um profundo comprometimento com a comunidade e um desejo genuíno de melhorar a qualidade de vida urbana.

É importante ressaltar a noção de narrativa intrínseca à transformação do espaço. Não foi apenas a paisagem física que foi alterada mas houve a criação e solidificação de uma história, uma memória coletiva que servirá de legado para gerações futuras. Este ato de formação narrativa é central para definir a identidade de uma cidade e o sentimento de pertencimento dos seus cidadãos.

Por fim, é importante enfatizar que embora a história de Dekinha seja única em muitos aspectos, não é isolada. Nas cidades de todo o mundo, "homens ordinários" continuam a moldar e definir espaços abstratos através de vontade, determinação e visão.

Em suma, a praça do Dekinha e sua transformação destacam o papel importante que os cidadãos desempenham na produção e reprodução do espaço urbano. Este trabalho serve como evidência da capacidade de agência de indivíduos e comunidades, e de como, através de ações cotidianas e colaborações, podem surgir espaços urbanos inclusivos e mais humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BASTOS, Camila Diniz; MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho; MIRANDA, Guilherme Marinho; SILVA, Harley; TONUCCI FILHO, João Bosco Moura; CRUZ, Mariana de Moura; VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 19, n. 2, p. 251-266, 2017. Disponível em: <https://rbeur.emnuvens.com.br/rbeur/article/view/5362>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **A realidade sensível da natureza nos espaços irresolutos de São Paulo**. 2017. 400 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11012018-121213/publico/ArthurSimoesCaetanoCabral.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1990.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. São Paulo: Annablume, 2006.

MORALES SIERRA, Vania; MESQUITA, Wania Amélia Belchior. A democracia no espaço: uma revisão dos conceitos de Isaac Joseph. **Os Urbanitas – Revista de Antropologia Urbana**, São Paulo, v. 6, n. 9, p. 1-18, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/urbanitas/article/view/118>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PETTERSEN, Maria Castilho Maron. **De espaço residual a comum urbano: ações culturais sob os viadutos do Rio de Janeiro**. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Coletanea/Coletanea.php?strSecao=resultado&nrSeq=51128@1>. Acesso em: 02 ago. 2023.

URIARTE, Urpi. Produção do espaço urbano pelos homens ordinários: antropologia de dois micro-espços na cidade de Salvador. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 115-134, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/52637>. Acesso em: 05 jul. 2023